

**Paulo Roberto de Almeida Felix**

**3(três)**  
**MOMENTOS**  
(caos)

- POESIAS -

**Este livro é dedicado a Maria Cristina Curvello de Guanabara, minha mulher, a culpada por tudo.**

Rio, 06 de outubro de 2009

[pfelix@hucff.ufrj.br](mailto:pfelix@hucff.ufrj.br) / [prafelix@globo.com](mailto:prafelix@globo.com)

## APRESENTAÇÃO

O que aqui se encontra publicado foi escrito em vários momentos. Por muitas e muitas vezes selecionei alguns textos de uma pilha de longos anos e destruí o resto. (Sei que muitos, se chegarem a ler este livro, irão talvez sugerir a destruição do que sobrou.) Eu mesmo até hoje não sei qual teria sido o melhor destino para esses textos. Eu li bastante sobre poesias e poemas. Estudei. Acho que entendi e admirei a grande maioria dos poetas. Na hora da criação, porém, foi como se me despisse de todas aquelas teorias. Com raras exceções, alguns dos textos aqui reunidos conservam alguma coisa daquela “sabedoria”. No mais, foi como se me despojasse de tudo que aprendera até então. Era como se escrevesse virgem, sem seguir qualquer enunciado — Que não se enxergue nisso uma justificativa para os meus maus versos: sou bastante corajoso para não cometer tal vilania. — Isso trouxe-me uma grande insegurança: o que era aquilo espalhado pelas folhas de papel? Seria poesia? Teria poesia? Em algumas poucas coisas eu mesmo poderia responder afirmativamente. Em algumas poucas coisas... Bem, pior que isso foi a decisão de publicar ou não. Se não existisse hoje a facilidade da publicação sob demanda talvez esses textos (poemas?) não tivessem sido trazidos a público (ouço as vozes daqueles lá de cima: “Teria sido uma sábia decisão”). Esta apresentação tem o intuito de me justificar antecipadamente e me trazer certa forma de tranquilidade: não espero que me conheçam pelo que sou, mas menos ainda que

me reconheçam pelo que não sou. Eu realmente não escrevi poesia para poetas e literatos. Escrevi para qualquer um e para ninguém. Escrevi meus sentimentos, e vi nisso poesia. Pode ter sido esse o meu terrível engano. Aí, bem pode também estar o motivo de eu nunca mais ter-me arriscado num “texto poético”. (De novo, para euforia dos “sussurradores”.) Mas pretendo cometer mais um equívoco: sendo um livro publicado sob demanda, eu poderia retirá-lo de circulação quando quisesse. Mas não, assumo o meu equívoco e o mantenho como prova: ninguém é perfeito! Por fim, que sirva aos meus detratores (se existirem) ao tentarem provar que a minha genialidade não era tão infalível assim.

**Momento Um**

**... Das Coisas Deste Mundo...**

## O Garçon

Olho as caras que passam  
Morenas, brancas e pretas  
Com pinta, sem pinta,  
Com pelo, sem pelo.

Pra onde vão?

São peitos ponte-agudos. Duros.  
Outros caídos.  
Peitos cabeludos e outros não.  
Bundas, braços e coxas  
Se perdem na noite escura.

Pra onde vão?

A mesa em falso se balança  
O copo cheio cai e quebra;  
Vem o garçom com outro copo  
De cara feia enxuga a mesa.

Eu grudo os olhos  
Naquelas caras,  
Naqueles peitos,  
Naquelas coxas,  
Naquelas bundas,  
Naqueles braços.

A vista embaça.  
A mente esquece, embriagada.

E logo atrás  
vêm outras caras...

Pra onde vão?

## A Velha Cristaleira

As mãos corriam com sabor amargo  
nas teclas gélidas e na clausura do momento  
e um sem sentido me bateu à alma:  
anos a fio e eu fazendo versos.

Nas espirais do fumo que trago,  
visto o fantasma a desdenhar o medo,  
encortinado nas serpes do tempo,  
boquiaberto eu me quedo quedo.

E da janela remirando o asfalto  
vi refletido em um tal qual espelho  
o rosto lasso de uma criatura  
tal qual os versos em que insisto e faço.

## A Vidraça

Quem sabe se você rezasse,  
se você pedisse  
a São Francisco de Assis?

— Os santos já andam  
andam enfadados,  
desacostumados,  
de fazer milagres...

Quem sabe se você jogasse  
a rede no mar,  
na rede da Sena,  
a vida no mar?  
Se você jogasse  
uma pedra apenas  
na vidraça de alguém?

Quem sabe se você falasse  
com o Presidente,  
se você fizesse  
na praça um discurso,  
se você vendesse  
o ouro dos dentes?

— Já não os tenho mais...

Quem sabe se você pudesse  
ir a Marrakesh,  
enganar os dias,  
andar de avião?

Se você pudesse,  
se você pudesse...

— A vida, que pena,  
já não vale a pena...

...se você pudesse,  
mas você não pode.